

Sobre desenvolvimento situado: Entrevista com Hassan Zaoual*

About situated development: Interview with Hassan Zaoual

Sobre el desarrollo situado: entrevista con Hassan Zaoual

*Publicada na *Oikos: Revista de economia heterodoxa*. Ano IV, N° 4.
Rio de Janeiro: *Oikos*, 2005.

André da Paz 

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
andre.paz@unirio.br

Gabriela Tunes

gabitunes@gmail.com

Robson de Lima 

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Belo Horizonte, BH, Brasil
robson.lima@uemg.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.24n2.2024.2209>

A revista *Oikos* sempre teve como um dos seus objetivos buscar divulgar pensadores criativos que transcendam a disciplinarização reducionista predominante nas ciências humanas contemporâneas, em especial na ciência econômica. Foi com este propósito que realizamos esta entrevista com o marroquino Hassan Zaoual. Professor de Economia Diretor do GREL - *Groupe de Recherche sur les Économies Locales* (Grupo de Pesquisa sobre as Economias Locais) na Université du Littoral Côte d'Opale (Dunkerque, França), e também Diretor da Coleção *Économie plurielle* da editora *L'Harmattan*, de Paris, Zaoual elabora uma crítica radical ao paradigma econômico clássico e seu modelo de desenvolvimento, aliando conhecimentos de filosofia, economia e ciências sociais. Este autor tem também se mostrado crítico às práticas econômicas do "pensamento único" da globalização e da ideologia neoliberal, chamando atenção para a importância da diversidade e da dimensão cultural em qualquer processo de desenvolvimento.

A obra de Zaoual tem sido traduzida para diversos idiomas e o autor tem recebido prêmios como reconhecimento de sua importância. (Entre eles, o Prêmio da *Fondation Jean*

Scott L'Erigène UNITAR/UNESCO e a cátedra especial de Professor no *Institute of Development Policy and Management*, da Universidade de Antuérpia, Bélgica). No Brasil, encontramos em português apenas livro *Globalização e Diversidade Cultural* (2003) - organizado e traduzido por Michel Thiollent¹ e publicado Pela Cortez Editora - que apresenta uma seleção de escritos de Zaoual. Em breve, será publicado pela DP&A Editora o livro *Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global* - também traduzido por Thiollent. Buscamos a realização desta entrevista cientes da importância das ideias de Zaoual e de sua pequena divulgação em nosso país. Deixemos que suas palavras falem por si.

Oikos: Antes de tudo gostaríamos de agradecer ao professor pela disponibilidade em nos conceder esta entrevista. É sempre um grande prazer poder divulgar pensadores que realmente trazem contribuições criativas - algo um pouco raro em nossos dias - e seminiais ao diálogo proposto por esta Revista Oikos.

Zaoual: Caros colegas, em primeiro lugar, agradeço ao Professor Michel Thiollent pela tradução de duas obras minhas para o português. É um trabalho árduo. É preciso reconhecer que graças a ele podemos trabalhar em rede. Agradeço também a vocês por terem me pedido esta entrevista. Assim, estou tão feliz quanto a revista Oikos de dialogar sobre os mistérios e enigmas que cercam a condição humana atualmente. De toda forma, é somente com o intercâmbio e o diálogo que o pensamento humano evolui. Aliás, minha própria experiência o demonstra. Se hoje tento descrever os contornos de um novo paradigma sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento e à mundialização, é graças a todas as pessoas e instituições que encontrei em meu percurso de economista do Terceiro Mundo. Este existe, apesar de todas as transformações do mundo. Ao mesmo tempo em que realizava minha missão de universitário junto aos estudantes, fui assíduo frequentador do mundo dos atores de campo (ONG consultores, instituições de pesquisa-ação, comunidades de base etc.). A experiência da Rede Sul-Norte Culturas e Desenvolvimento (*Réseau Sud Nord Cultures et développement*), em Bruxelas, está aí como prova, pois esta ONG, da qual fui um dos administradores-fundadores, muito me inspirou em meus trabalhos. Esta organização, com bases regionais na África, Europa,

¹ Professor do Programa de Engenharia de Produção (PEP) da COPPE/UFRJ. Texto atualizado para as normas vigentes no Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Índia, Brasil, México, me facilitou intercâmbios internacionais e interculturais com pessoas de diferentes horizontes. A Universidade por si só não é suficiente para fazer a pesquisa avançar. Ao contrário, em muitos casos, o saber compartimentado sob forma de disciplinas específicas e de teorias fechadas sobre si mesmas é a sede de estruturas de poder que travam o espírito crítico. Uma teoria fecunda pode ser renegada no meio dos pesquisadores e fazer sucesso entre os atores sociais. O que me parece ser o caso da teoria dos sítios. Nas minhas conferências diante de associações e outros organismos de escuta das populações, a ressonância me parece quase perfeita. Ao contrário do reducionismo das ciências oficiais, a terminologia (princípios, conceitos, semântica, metáforas, imagens) dos sítios responde à experiência de vida das populações e das organizações que lhes são mais próximas. Trata-se de uma proximidade pelo pensamento, restaurando a desordem na qual se debatem. A proximidade com os homens, como indico na minha última obra publicada na França (*Socioéconomie de la proximité, Collection Economie plurielle, L'Harmattan, Paris, 2005*), torna-se uma necessidade na reformulação de nossas visões científicas e de nossas práticas. É todo um paradigma, isto é, uma maneira de pensar, de se organizar e de agir. Não há o menor corte entre o que acreditamos, o que pensamos e o que fazemos ou até mesmo o que quantificamos com indicadores estatísticos. Aliás, é o que torna complexa a noção de verdade, não apenas nas ciências do homem, mas também nas ciências da natureza. Estas últimas entenderam isso muito bem, como atestam as sucessivas revoluções que vivenciaram, que as levaram da certeza à incerteza, à indeterminação e finalmente ao caos. Enquanto que as ciências do homem, de tanto imitar cegamente o modelo mecanicista da ciência clássica, destroem sua especificidade e as possibilidades de originalidade das quais podem dar provas. Aliás e a propósito, minha palestra inaugural para uma cátedra de Professor na Universidade de Anvers em 2000 tinha um título sugestivo: "*A volta do homem às ciências do Homem*", já que o *homem se tornou o grande desconhecido das ciências do homem*. A própria ciência econômica é um modelo deste grande obstáculo epistemológico. Seu ultrareduccionismo empobreceu nosso conhecimento do homem real. Por todas essas razões, desde os anos 80 eu havia formulado um programa de pesquisa interdisciplinar e intercultural, orientando meus trabalhos universitários. Para não afrontar o meio universitário, dei-lhe uma liberdade tolerável: o Grupo de Pesquisa sobre as Economias Locais, GREL², em minha própria universidade. Muitos estudantes puderam defender seus doutorados em ciências econômicas com o sopro da teoria dos sítios, sem que ela estivesse sempre explícita em seus trabalhos. A

² Sigla em francês (N.T)

censura científica existe. De meu lado, tal abordagem rendeu bloqueios à minha carreira e pretextos para me manter à margem da concorrência científica. A crítica deve pagar um pesado tributo antes de ser reconhecida.

Era resumo, como já afirmei, a teoria dos sítios resulta de uma acumulação de um saber coletivo que devo aos meus intercâmbios com muitas pessoas, como Serge Latouche, meu professor, François Régis Mahieu (Professor na universidade de Versailles - Saint Quentin), meus amigos do Institut Universitaire d'Etudes du Développement Genève (Gilbert Rist, Marie Dominique Perrot), Robert Vachon do Institut Interculturel de Montréal, Majid Ranhéma (teórico da pobreza), Emmanuel N' Dione de ENDA-Tiers monde (Dakar), meus amigos do Viva Rio, consultores e responsáveis por ONGs como Thierry Verhelst (Réseau Sud- Nord Cultures et Développement), Henry Panhuys (homem de campo, atual codiretor de nossa coleção Economie plurielle, L'Harmattan), Marc Luykx (Conselheiro da célula prospectiva da Comissão Europeia, nos anos 90) e com muitos outros, cuja lista daria uma ideia da grande diversidade com que convivi.

Oikos: O professor propõe uma mudança de paradigma no pensamento econômico, a partir da perspectiva antro-po-filosófica da teoria dos sítios (*théorie des sites*) e do conceito de *homo situs*. O professor poderia comentar essas ideias centrais de seu pensamento?

Zaoual: Em seus primeiros passos, a teoria dos sítios associou as culturas e o desenvolvimento. Esta combinação, que é considerada a priori antinatural, nas concepções clássicas do desenvolvimento, entendido antes de tudo como um fenômeno econômico, nos possibilitou decodificar o fracasso dos modelos transpostos de países globalmente ricos para os países postulados, de início, pobres. Nessas condições, o desenvolvimento se metamorfoseia em endividamento e empobrecimento, nos meios em questão, uma vez que a ciência econômica não leva em consideração o contexto das populações envolvidas, para melhor ajustar suas hipóteses, seus conceitos e por fim, seus modelos. Ela se pretende uniforme em seus raciocínios. Conhecemos as consequências. Ela censura todas as dimensões que, clandestinamente, participaram da emergência do capitalismo no Ocidente. Historicamente, a cultura do Iluminismo, em suas versões mais instrumentais e dominadoras da natureza e do homem, desempenhou um papel de motor simbólico estruturante nos velhos países capitalistas. Esta cultura do desenvolvimento é conceptualmente e na prática esvaziada no paradigma do desenvolvimento. Por dedução, o Ocidente não conhece a si próprio!

"*Cet impensé de l'économiste*"³, título de um de meus artigos, é reproduzido mecanicamente nos modelos propostos para diversidade de povos do Sul. Desta forma, suas visões de mundo [dos povos do Sul] são excluídas das abordagens de sua própria situação. De fato, a diversidade é afastada pela uniformização da concepção que serve de paradigma de referência para as intervenções que são feitas em campo.

Este racionalismo delirante confere às economias oficiais do sul do planeta um caráter surrealista! Quanto mais estes países se desenvolvem, mais eles se tornam subdesenvolvidos! Este paradoxo é bem apresentado nos seus mecanismos de superendividamento e de sua especialização internacional (tendência à mono produção, mono exportação de produtos de criatividade baixa). As economias formais transformam-se pura simplesmente em mercados para a indústria do desenvolvimento (teorias, conceitos, modelos, instituições, projetos, produtos, tecnologias, equipamentos, máquinas, capitais etc.).

Pelo contrário, as dinâmicas ditas informais, que ninguém de fora concebeu, desempenham um papel de regulação e de recriação da vitalidade das populações excluídas do grande mecanismo do desenvolvimento oficial. No universo da economia formal, não se pensa, se gasta! No imaginário árabe, é quase como um conto das Mil e Uma Noites, já que as receitas destas economias não decorrem de um esforço endógeno de criatividade, mas do trabalho da natureza, como o petróleo, por exemplo. Pode-se generalizar este raciocínio estendendo-o a outras situações que imperialismo acompanha sutilmente, para manter massas inteiras de populações em um sistema que não lhes garante a liberdade, a criatividade e nem respostas de proximidade às suas próprias necessidades, até mesmo alimentares. Este esvaziamento é total. Ele envolve o conjunto das dimensões locais de muitas regiões do nosso mundo. Depois disso, ainda nos surpreendemos com a explosão dos fluxos migratórios que se seguiram às destruições dos territórios de vida das comunidades de base e da escalada da violência nas relações Norte-Sul.

Estes paradoxos estão raiz da teoria dos sítios simbólicos de pertencimento, já que a pesquisa encontrou o que não se pesquisa. A exploração dos enigmas do informal me permitiu integrar melhor a cultura à análise da sociedade. Para não naufragar em um culturalismo estático e potencialmente manipulável, nem em um economicismo redutor, é imperativo que se construa uma nova linguagem. Não parece existir realidade fora das palavras que utilizamos para designá-la. A sitiologia, ao contrário do culturalismo, é uma abordagem dinâmica e aberta aos

³ Algo como "Esta insensatez da economia" (N.T.)

processos de mestiçagem. Ela foi construída com base em certo número de princípios bastante simples de compreender. Primeiramente, hoje, a experiência ensina a nunca separar totalmente as práticas reais das pessoas de suas crenças, e isto em todos os domínios. Esta relação crenças-práticas vai contra a visão de base das ciências ocidentais. Estas postulam o corte entre ciência e metafísica. Existiria um real racional e objetivo. O que é, é real e racional, e reciprocamente. Ora, a experiência íntima com os fatos demonstra, especialmente no domínio do homem, que estes os fatos nascem, por um lado, de uma profunda interação entre as representações que os atores têm de uma situação e, por outro lado, de suas ações e reações ao mundo que os rodeia. Desta forma, os mitos, os valores, as crenças, os hábitos adquiridos etc. são parte integrante que esses atores fazem no mundo real. Este é irredutível a uma configuração uniforme, só podendo dar lugar a entidades palpáveis e mensuráveis. O invisível está bem presente e condiciona clandestinamente o visível. Sua grande variedade contradiz como fato de todo modelo único a serviço do que é postulado, de experiência incontestável e válida em todos os tempos e lugares. A originalidade bloqueia o caminho da reprodutibilidade mecanicista das leis científicas reconhecidas nas ciências sociais do desenvolvimento.

Assim, a imagem que se formou em nosso espírito é a do sítio. Depois de um encontro em Glasgow, perto de Edimburgo, pátria de Adam Smith, teórico da "mão invisível" que ocorreu em tomo de outubro de 1991, às vésperas da primeira guerra do Golfo, sobre o sentido implícito das práticas caís, escrevi um texto intitulado "*Le tiers monde joue-t-il aux Dés?*" "O Terceiro Mundo está jogando dados?"). Subitamente, sob a influência propaganda dos Estados Unidos sobre os supostos sítios militares iraquianos, a palavra me pareceu adequada para sair dos dilemas entre o Pensamento econômico e a necessidade de integrar a diversidade do nosso mundo através da multiplicidade de sentidos das práticas locais. A pluralidade, quando ignorada, é portadora, com efeito, de *quid pro quo* no assunto, e fundamenta a importância da comunicação intercultural no domínio referido, a saber a mudança de uma situação. A título de curiosidade, a operação empreendida pelo imperialismo dos Estados Unidos tinha o codinome Tempestade do Deserto. Ocorre que a origem do nome de minha tribo berbere do sul do Marrocos é Ijawan, que quer dizer Tempestade do Deserto! Meu nome foi arabizado por motivos políticos ligados ao período das independências quando o nacionalismo árabe estava no auge. Apenas recentemente a diversidade cultural começou a ser reconhecida especialmente em países como o meu.

Da mesma forma que a "mão *invisível*", que fundamenta o grande princípio regulador do mercado, o sítio é uma *entidade invisível*. Em primeiro lugar, é um sistema de crenças

comuns a um grupo humano. Como cosmovisão, ele informa sobre a maneira pela qual um grupo humano representa seu próprio mundo. Tal representação é herdada de sua trajetória e muda ao longo desta mesma trajetória em função do caráter dinâmico da ordem social. O sítio molda tudo que o rodeia. Nada lhe escapa totalmente: o habitat, a agricultura, a relação com a natureza e com o outro, os modos de organização e de coordenação entre os atores, o knowhow transmitido etc. De forma esquemática, a primeira representação do sítio que me vem à mente é um triângulo. Parece uma pirâmide!

No topo do triângulo, encontra-se uma caixa preta contendo os mitos fundadores do sítio, sua experiência, seus sofrimentos, suas revelações, sua religião, as revoluções vividas e organizadas pelos ancestrais etc. Este percurso é essencial para melhor compreender e decodificar o curso dos acontecimentos cotidianos. Esta leitura hermenêutica nos introduz na complexidade dos fatos da sociedade, dos quais a economia não pode escapar, apesar do sonho dos economistas de construir uma ciência autônoma. Aqui, o sentido irrompe em um domínio que se postula racional.

Sobre os outros lados⁴ deste "triângulo mágico" aparecem outras caixas. Uma conceitual podendo conter teorias, modelos ou simplesmente um saber social concreto pertencente à comunidade em questão, enquanto a outra caixa foi batizada de "caixa de ferramentas", por iniciativa dos sítios. Olhando de perto, as três caixas se encaixam. Elas são entrelaçadas, portanto, não são totalmente separáveis. A vantagem pedagógica desta representação é mostrar que as crenças, os conhecimentos e os comportamentos estão intimamente ligados, ao contrário da epistemologia ocidental do corte (cartesianismo e doutrina de Newton). É preciso discernir sem cortar: este é o segredo da epistemologia dos sítios. De fato, tudo está interligado na realidade. E o sentido, para dizer de forma simples, percorre as três caixas. O que torna ferramentas operacionais muito relativas. Esta relatividade, levada ao extremo, demonstra que não há leis científicas capazes de integrar em um só único modelo a grande diversidade de situações. O que parece válido em um espaço simbólico e prático não é necessariamente operacional em um outro, em dado momento de sua evolução. Ora, o economista só oferece aos atores causas e leis mecânicas das quais omite-se de perceber o conjunto do contexto no qual foram forjadas sob forma de modelo, por tateio. Ele apaga de uma só vez as condições iniciais

⁴ Ocorreu-me dizer que o sítio dá, a seus homens, asas e raízes. O que equivale à fórmula de Leopold Senghor: "enraizamento na abertura".

da emergência de um saber que só tem como objetivo assentar as bases de uma só e única visão das coisas.

Além do princípio aqui destacado da não separação das múltiplas dimensões, cada sítio é único e singular em seu gênero, graças às especificidades de seu percurso. Este princípio de diversidade é válido até mesmo para cada indivíduo no interior de cada sítio, a despeito das similaridades que o unem ao seu grupo de pertencimento. Existe aí a ideia de uma grande diversidade que nos dá uma ideia sobre o infinito. De fato, a diversidade é onipresente. Em cada escala de apreensão das realidades humanas, ela apresenta novos alcances. Aliás, isso é bem mostrado nas perspectivas de aplicação do conceito de sítio. O conceito em questão pode se aplicar a um continente, um país, uma região, uma localidade qualquer no próprio interior de uma região, a uma cidade, um vilarejo, uma tribo, uma organização qualquer, a um ofício, uma profissão etc. Portanto, ele é flexível e modulável de acordo com o ponto de observação. Até mesmo se nos limitarmos a uma única organização humana de pequena escala, como uma empresa, podemos nos dar conta que, apesar de que ela possa ser concebida como um sítio como um todo, contém inúmeros micro-sítios ligados à sua diversidade endógena (diversidade da origem dos trabalhadores, multiplicidade de locais de implantação, variedade de serviços, os modos de organização do pessoal por categorias ou por vinculação sindical ou outros etc.). As diversidades endógenas de um sítio só se tomam visíveis a partir de uma imersão prolongada. O que relativiza em um outro nível as grandes especificidades da cultura global de uma organização.

Em resumo, um sítio, para além de suas singularidades em relação a outros, contém uma pluralidade ligada ao caráter aberto de sua anatomia. Ele não pode se fechar e sobreviver. Assim ele é aberto e fechado. Ele contém um código de seleção dos fluxos de diversidade que lhe são transmitidos a partir de seu passado e de suas relações com sua localidade, região, sua nação, o continente desta nação e, em última instância, com mundo inteiro. Estas escalas são imbricadas e dão, a cada vez, colorações particulares às situações locais cuja evolução é indeterminada. E por este motivo que, por trás da cortina de fumaça da globalização, surge diante de nossos olhos uma grande diversidade. O mundo real é um mosaico, como, aliás, é o Brasil por si só. Neste sentido, o mundo é incontrolável a partir de um único centro. O centro está em toda parte. É esta dissidência de sítios que incomoda os grandes deste mundo, no caso, as forças globais do mercado. Esta força dos supostos fracos é reveladora da potência dos sítios que diversidade impele em sentido contrário à uniformização imposta de cima. Paradoxalmente, esta última ruiria como um castelo de cartas, na ausência da primeira. De maneira incontestável, uma

concepção e uma construção científica de sentido uniforme são visões do espírito, para não dizer "*bobagens científicas*".

Do princípio de singularidade e de diversidade decorre um princípio de prudência e precaução. Sendo o mundo concreto complexo, não é possível acreditar nas concepções mecanicistas e lineares. O mundo sítios é um mundo não linear. Como indica o conjunto do paradigma dos sítios, a solução de um problema sempre *in situ*. Isso não quer dizer que a troca de experiências locais entre sítios não seja pertinente. É pertinente, desde que não se raciocine no modo de imitação. É preciso adotar um princípio de inspiração, deixando livre o sítio receptor. A experiência demonstra, hoje, que a expertise "*caída de paraquedas*" é destruidora das capacidades de regeneração dos sítios em sua relação com seus próprios saberes populares, com o meio ambiente, assim como com sua regulação social. Não é por acaso que a sitiologia considera o *homo situs* como o homem da situação. Em vários casos, ele conhece a solução do enigma muito mais do que o especialista. Observando de dentro, os sítios ainda não destruídos demonstram possuir uma grande expertise endógena. Nestas condições, não se deve impor modelos, no máximo, deve-se acompanhá-los (pedagogia do acompanhamento). Ora, a epistemologia da indústria do desenvolvimento é uma epistemologia de caça. Seu caráter predador transparece nos projetos construídos *a priori*, tornando-se, de fato, projéteis apontando para populações consideradas como alvos na linguagem oficial. É pois uma ciência sem consciência. Ela funciona excluindo o homem afetado pela mudança de situação.

À evidência, o conceito de sítio permite decodificar o fracasso das economias formais transplantadas e as práticas ditas informais, nos países que de início se supunham pobres. No entanto, no começo, tal conceito me pareceu limitado em suas possibilidades de aplicação. À medida que fui me envolvendo nas pesquisas sobre o desenvolvimento local, as economias sociais e solidárias etc., nos países industrializados, percebi que este conceito poderia também ser útil nestas regiões. O acompanhamento de teses de doutorados, em diversos domínios, permitiu que eu me desse conta de sua importância em temas tão diversos como empresa, território, gestão do conhecimento, inovação etc. Sobre isso, as teorias desenvolvimento local e das convenções muito me inspiraram para a consolidação de seções inteiras de trabalhos sobre a sitiologia. A título de exemplo, as questões sobre a suposta universalidade conceitos de *homo oeconomicus*, de racionalidade etc. estimularam muito minha imaginação. Assim, o caráter artificial da noção de *homo oeconomicus* evidencia a limitação do poder de explicação deste conceito. Os economistas reduzem o homem concreto uma lógica de interesse. Para ser racional, é preciso ser egoísta e vice-versa de onde nasce a técnica de maximização da utilidade e do

lucro. O que significa claramente dizer que a única motivação dos homens é satisfazer egoisticamente suas próprias necessidades sem considerar o conjunto de dados e condicionamentos do contexto social. Nestas condições, o *l'homo oeconomicus* é amnésico e totalmente *a-social*. É a definição oculta do homem globalizado. O único elo que o une aos seus semelhantes é o mercado. Ora, atualmente, os economistas mais esclarecidos demonstram que de nenhuma maneira o mercado pode ser considerado o único modo de coordenação. Para se consolidar, as transações econômicas precisam de regras, de convenções e de outros modos de coordenação como a reciprocidade, as parcerias, a solidariedade, um pertencimento comum, a rede, o intercâmbio de conhecimentos e de informações etc. Todas estas entidades estão impregnadas pelos sítios, que lhes dão sentido e eficácia em campo. Em resumo, não apenas na sociedade, mas na economia, os homens precisam de um "ponto fixo", de um conjunto de referências. É o sítio.

Ao contrário, se nos limitamos às categorias econômicas tais como mercado, o *homo oeconomicus*, a racionalidade econômica, acabamos chegando a grandes incertezas. Se o homem for como o economista supõe, só poderá ser gerador de incertezas para seu semelhante. Ele será levado obrigatoriamente a trair seu semelhante para maximizar seu interesse. Assim, quando todos se lançam à estratégia, é uma tragédia! Um provérbio camponês marroquino diz: "Aquele que calcula, acaba sozinho". E é o que acontece quando o mercado gangrena a totalidade do real. Em seu paroxismo, em vez de ser uma estrutura de harmonização como querem os economistas ortodoxos, ele se torna uma máquina formidável de produzira incertezas, portanto, de se paralisar a si próprio. Assim, tudo ocorre como se não se devesse entregar os negócios de uma nação aos economistas. Sua própria concepção contraria em campo seu próprio projeto!

Diante de tudo isso, o fato de conceber o homem como um *homo situs*, significa partir de sua totalidade e de seu contexto. O que revela uma complexidade maior, por oposição à concepção econômica tradicional. Em seus atos cotidianos, o homem é incrivelmente crente. Para fazer qualquer coisa, ele precisa crer. Suas motivações em geral são numerosas e inextricáveis umas das outras. Em seu comportamento, o impacto do passado está bem presente. O *homo situs* é o homem do sítio em todas as suas dimensões. Ele não separa o que nós separamos quando adotamos os saberes Instituídos, de natureza disciplinar. Ou seja, ele não é tão disciplinado quanto nossas disciplinas! Permanentemente, ele recompõe seu comportamento a partir de vários registros, não se reduzindo àquele no qual O economista quer aprisioná-lo. O recorte, ou seja, a decomposição é uma gaiola para o homem vivo concreto.

Oikos: Nesse contexto, o professor poderia falar sobre a ideia de racionalidade situada (*rationalité située*) e suas implicações nessa nova forma de pensamento econômico? Podemos supor alguma relação dessa forma de pensamento com alguns princípios anarquistas?

Zaoual: A noção de racionalidade situada, como a de *homo situs*, resulta do conceito gerador de sítio. Ela dá continuidade também ao debate sobre a racionalidade na economia. Vale lembrar que a racionalidade padrão é determinista. Ela pressupõe que o agente detém todas as informações necessárias ao seu cálculo racional. Este modelo foi bastante questionado por Herbert Simon, Prêmio Nobel de Economia, em 1978. Ele demonstrou que o agente econômico, no momento de sua tomada de decisão, não detém todas as informações em questão. No mundo real, ele é assolado por incertezas. Os limites cognitivos de seu conhecimento da situação não lhe permitem um total domínio sobre suas escolhas. Esta primeira crítica - permanecendo no domínio econômico - abriu uma grande brecha no paradigma dos economistas ortodoxos. Desta forma este economista-engenheiro formulou seu modelo de racionalidade limitada. Em outras palavras, o agente decide em um mundo aleatório, e ele pode demonstrar apenas uma racionalidade imperfeita. Esta forma de racionalidade é processual, ela se faz por tateio. Entretanto, esta concepção não nasce do grande paradigma dos economistas, já que se inscreve na cultura de acumulação e desenvolvimento. Ela considera que o homem, apesar das incertezas constatadas, é um animal voltado para a produção e o consumo. As instituições que o capitalismo gera podem ajudá-lo a continuar esta aventura que o mercado por si só não garante, em função das incertezas que o acompanham.

Creditando este debate interno à economia e cruzando-o com nossas conclusões sobre o desenvolvimento, o comportamento dos sítios engendra um outro tipo de racionalidade. A *racionalidade situada* integra desta vez a antropologia intercultural. Ela só poderia surgir de um economista do Terceiro Mundo que contém, ainda por algum tempo, uma grande diversidade.

Com efeito, a *racionalidade situada* se constrói em ressonância com a grande diversidade de valores dos sítios. Em outras palavras, ela é irredutível aos valores econômicos no sentido admitido pelo pensamento global. De fato, é uma construção em movimento, incorporando os dados simbólicos e éticos do sítio. Em função da grande variedade dos sítios, ela não pode de forma alguma ser decodificada em um modelo único *a fortiori*, qual seja, o do paradigma econômico. Da *racionalidade limitada*, ela só toma emprestado seu caráter

indeterminado, que ancora no sítio para melhor mostrar que ele desempenha um papel de coordenador coletivo permitindo aos atores se reconhecer e realizar as trocas necessárias com um mínimo de certeza. Aqui, o sítio desempenha um papel de redutor da incerteza. Para tal, por outro lado, o sítio não deixa o mercado ou o capital inteiramente livres. O que quer dizer claramente que a racionalidade em questão é composta, híbrida. Ela restitui a qualidade de fino compositor ao *homo situs*. Este é irredutível ao *homo oeconomicus*, pois, em caso contrário, chegaríamos as incertezas constatadas. As misturas entre o mercado, se ele acontece, e as outras formas de coordenação correspondendo ao pertencimento, à solidariedade de sítio etc. asseguram uma confiança maior. Esta plasticidade torna tal racionalidade, pois, difícil de fixar em um único modelo. É por este motivo que a *racionalidade situada* é uma racionalidade de diversidade e complexidade.

Oikos: O professor destaca o sítio como um filtro, uma alfandega invisível, a ideia de modernidade situada (*modernité située*). Aponta ainda a possibilidade do ator conjugar tradição e inovação e a necessidade das questões e soluções serem formuladas no próprio sítio. O professor poderia comentar essas ideias e relacioná-las com o papel da criatividade na construção de um pensamento autônomo? No contexto do macro-sítio América Latina, não seria preciso também diferenciar entre formas de modernidades impostas - típicas dos processos de colonização – e modernidades autênticas - construídas em seus próprios sítios?

Zaoual: A noção de *modernidade situada* decorre também do conceito de sítio, o que confere uma coerência de conjunto ao paradigma em questão. Ela deve ser contraposta ao que eu chamo de *modernidade de paraquedas*. Em minha imaginação, sem dúvida na realidade das coisas, a modernidade de paraquedas é sinônima de um projeto imposto de cima para baixo. Ela é redutora, já que somente a economia e a tecnologia têm importância aos olhos dos especialistas e dos governos. Todos os fatos contribuem para comprovar que o que é imposto não funciona. Todos os fenômenos das sociedades, incluindo os da economia, parecem ter sua explicação profunda nas profecias autocumpridas. De fato, as crenças práticas têm uma função importante na produção do real. Tanto falando de desempenho econômico como de arte, lidamos com linguagens que traduzem valores e motivações. Quando esses não são levados em consideração uma forma de envolver o sítio em sua própria mudança, não há nem amor nem adesão. Querer é também crer e saber.

Ao contrário, o paraquedismo é uma gaiola. É o resultado da atuação desastrosa dos economistas, não somente nas realidades humanas do Sul, mas também sobre o próprio homem ocidental. E não é por acaso que hoje a administração de empresas mais avançada redescobre a importância dos recursos humanos e, mais profundamente, das crenças que sedimentam uma organização. A *modernidade situada* é uma forma de dizer que o sítio pode incorporar dinamicamente as contribuições vindas de fora, contanto que estas o respeitem e saibam como mobilizar suas próprias crenças e práticas no sentido da mudança. Na prática, aliás, esta mestiçagem é comum. Acontece sem que nos demos conta. Os mundos informais da América Latina, assim como os de outros lugares, ocultam suas recombinações que são ao mesmo tempo culturais, econômicas e sociais o que dá lugar dinâmicas de mudança dificilmente decodificáveis pelo paradigma dos economistas, nem mesmo das outras ciências sociais, marcadas, por sua vez pela grande cultura do Ocidente. A "mão enluvada" do antropólogo pode esconder a do economista ou do *sociocentrismo* em geral.

Quando os sítios não são totalmente destruídos pelos mísseis de desenvolvimento e da globalização, ainda preservam sua capacidade de resistência. Como já indicado, o modelo do macro-sítio da globalização sofre distorções ou mesmo destruições criativas. O sítio hegemônico nem sempre tem a última palavra. Nesses mecanismos de resistência, os sítios agredidos têm mais de um coelho na cartola. Eles fazem "*desvios inovadores*" do que lhes chega de fora. A abordagem dos sítios revela seus códigos de seleção, a partir dos quais realizam as sínteses mais compatíveis com os dados éticos e técnicos da situação. O que mostra bem que existem "*alfândegas invisíveis*". Estes filtros estão relacionados à cosmogonia do sítio. Tal cosmovisão dá sentido aos atos cotidianos dos "*sítieiros*", atores ligados aos seus sítios. Só é possível abordar estes alquimistas com uma atitude de respeito à diversidade. No plano epistemológico, isso supõe uma grande abertura interdisciplinar e intercultural. A transversalidade deve estar associada à transcendência. Deste ponto de vista, as ciências profanas reorganizadas atingem os limites superiores do racional e deixam entrever as divindades do lugar, devendo esta dimensão do sagrado ser integrada à visão dos sítios. Aliás, os processos de identidade estão na essência do dispositivo de sua epistemologia.

Oikos: A teoria dos sítios está relacionada a uma "*epistemologia suave*" (*soft épistémologie*). Gostaríamos que o professor comentasse as características principais dessa forma de epistemologia e sua pedagogia da escuta e do acompanhamento (*pédagogie de l'écoute l'accompagnement*).

Zaoual: O raciocínio desenvolvido acima coincide exatamente com esta pergunta sobre a escolha epistemológica da teoria dos sítios. Baseada no fracasso dos mitos do controle - bem presentes nas ciências ocidentais-, atitude em questão preconiza uma espécie de epistemologia suave. Este resultado decorre de nossa incapacidade de compreender e fazer evoluir as situações, de acordo com as ciências sociais do desenvolvimento. Até sociologia ocidental começa a reconhecer o poder do ator. Lembremo-nos da fórmula de Michel Crozier: "*O ator vence o sistema*". De fato, os atores, os *homo situs* na terminologia dos sítios, têm sempre uma margem de manobra em relação aos objetivos e aos modos de organização impostos pelos desenvolvedores ou pelos tecnocratas das instituições formais. É o poder dos fracos, diriam certos autores, como Ziegler.

Como indicado nos meus trabalhos marcados pelo selo da proximidade, é necessário ter acesso aos segredos de suas crenças, se realmente se quiser praticar uma verdadeira revolução na maneira de escutar as populações em situação de mudança. Com efeito, a proximidade é irreduzível à sua dimensão espacial. Ela só pode ser apreendida de forma paramétrica. Em muitos casos, a pequena escala de abordagem pode ser uma ilusão, na ausência de um acesso à caixa-preta cuja profundidade é infinita. Um provérbio árabe exprime bem os limites da proximidade geográfica: "*Perto e longe, longe e perto*". Todas estas razões tornam necessária uma mudança de paradigma, que vem ao caso, atualmente. Até mesmo proximidade organizacional e institucional, a que se referem os economistas do desenvolvimento local, é limitada, no caso de ausência de uma verdadeira ancoragem no sítio das crenças dos atores.

É assim que se pode derivar da teoria dos sítios o conceito de *proximidade situada*, que pressupõe um maior intercâmbio das visões endógenas das populações envolvidas. Ela conduz diretamente ao seu espaço simbólico, muitas vezes invisível, a partir do qual as populações definem seu próprio mundo e sobre ele atuam. Apesar de todos esses esforços em direção a uma ação mais prudente sobre as situações, são os homens do sítio que detêm a verdadeira chave dos enigmas propostos. Em outros termos, só é possível adotar uma pedagogia de escuta e de acompanhamento. Esta humildade científica se tomará cada vez mais não apenas uma necessidade ética, mas também técnica. Assim, a epistemologia das ciências moles deve se amolecer ainda mais e afastar-se do mimetismo metodológico da velha ciência clássica.

Oikos: Inspirado na física newtoniana, o conceito de *homo oeconomicus*, mesmo com todas as suas limitações, teve uma grande fertilidade teórica, constituindo-se como base de uma série de

teorias que, em alguns momentos, foram também benéficas à humanidade. Podemos esperar uma grande fertilidade teórica do conceito de *homo situs*? Seria este um conceito capaz de ensinar teorias econômicas diversas? Até que ponto isto teria sentido? Que características teriam essas teorias? Teriam elas funcionalidade e potencialidade para a intervenção na realidade?

Zaoual: Algumas respostas desenvolvidas antes desta pergunta respondem às interrogações sobre conceito de *homo oeconomicus*. Entretanto, gostaria de acrescentar algumas observações. A teoria do *homo oeconomicus*, graças ao seu rigor e às possibilidades de formalização que oferece, teve sucesso não só na economia, mas também nas outras ciências sociais como a sociologia ou a gestão. Estas veem um ganho na teoria, em termos de respeitabilidade científica. Entretanto, este conceito não deve criar ilusões, já que dá lugar a modelos de comportamento construídos com equações e muitas suposições, nem sempre reais. Como já indicado, é um homem factício que os economistas conceitualizaram para as necessidades de sua própria disciplina. Deste ponto de vista, negligenciaram o fato que Adam Smith destacava em sua teoria dos sentimentos morais, as ambivalências da natureza humana. O homem é bom e mau, dizia o teórico da "*mão invisível*". Estas tendências contraditórias não se prestam a leitura mecanicista, suscetível de dar lugar a um modelo partido. Este motivo pelo qual os discípulos traíram o mestre. Como só existe ciência a que é mensurável, e a isso se acrescenta a importância do utilitarismo em economia, a ciência econômica escolheu a via da facilidade e sua compatibilidade com o projeto de um sistema cujo único imperativo mercadoria e os lucros que ela embute. Assim, o homem, em complexidade e sua diversidade, é afastado. Entretanto, quando se investigam os fatos e as experiências, descobre-se que esta visão não apenas reducionista, mas também inoperante. As práticas das economias dissidentes, como a economia solidária e as economias sociais nos países da velha economia oscilante, e as economias informais em países ditos "*subdesenvolvidos*", incontestavelmente pressupõem uma outra definição do homem, para sua eficácia econômica e social. O pertencimento, a solidariedade, a confiança etc. desempenham um papel fundamental no processo de coordenação. Estas entidades estão na raiz de seu desempenho. Quantas observações empíricas demonstram que o agente africano é antes de tudo um *homo situs*. "*Pobre é aquele que está sozinho*", diz um provérbio senegalês. O parâmetro "*rendimento*", utilizado pelo Banco Mundial, é muito pobre para abordar o fenômeno de pobreza nessas regiões. Aliás, N'Dione Emmanuel, pesquisador de campo da ONG Enda Tiers monde (Dakar), mostra bem que as economias invisíveis, para não dizer ocultas, funcionam com base na rede de pertencimento. Aquele que não tem ligações corre

o risco de ser excluído. Trata-se de um tipo de economia em cachos, na qual a racionalidade admitida conduz o agente que a adota à morte social e econômica. É necessário adotar uma racionalidade situada de funções múltiplas. Ela atende ao mesmo tempo às exigências sociais e éticas do sítio e às necessidades das atividades econômicas locais. E no meio destas tensões que o *homo situs* toma suas decisões. Em outras palavras, nestes universos, não se pode acumular sem dar ou, dito de outra forma, para acumular, é preciso dar. Aqui, a economia da doação emergente do sítio se incrusta e redefine as coisas em sinergia com mundo de uma economia ajustada. Assim, ao contrário da fórmula de Karl Marx: “*Acumular, acumular, acumular é a lei dos profetas*”, é dar, dar a verdadeira lei dos profetas. Inegavelmente, há um conflito de profecias: entre as dos desenvolvedores e as dos *homo situs*.

O fato de que o conceito de *homo situs* seja transdisciplinar e intercultural o torna muito mais “*realista*” que o conceito de *homo oeconomicus*. Ele é empírico, não se constrói a priori. Ele só pode ser definido após imersão em suas múltiplas variantes, em função da grande diversidade dos sítios. Estas precauções são essenciais, na medida em todas as ações de sustentação em campo são condicionadas em profundidade e de maneira oculta pelos conceitos reconhecidos. Se tais conceitos estiverem equivocados, as consequências operacionais não poderão ser bem-sucedidas. Os campos estão também nos espíritos. Como Susan Hunt: “*Quando se tem martelos na cabeça, se veem pregos por toda parte*”.

Oikos: Passando para o aspecto prático, como podemos conceber e realizar políticas e projetos sociais, econômicos ou culturais, inspirados na teoria dos sítios e no conceito de *homo situs*? Nesse sentido, o que significa o chamado “realismo econômico de face humana” (*réalisme économique a visage humain*)?

Zaoual: Como indicado acima, a economia dominante me parece quase surrealista devido aos fundamentos sobre os quais repousa. As anomalias de seu paradigma, não somente sociais e ecológicas como também econômicas, lavram o seu fim. Torna-se necessário atualmente construir um paradigma pluralista que fale aos sentimentos e às experiências das populações. Neste sentido, as fronteiras das disciplinas não terão mais sentido. Como o progresso, tal qual é legitimado e ocorre, está em crise, não há mais um modelo. O progresso e a felicidade precisam ser definidos a partir de uma “*qualidade de vida*” significada em profundidade por cada sítio. Tudo isso só pode ser feito com conhecimento de causa. Em outras palavras, cada questão apresentada em um dado lugar do planeta supõe que se conheçam também os limites

de sua solução, já experimentada em outro lugar. De qualquer maneira, não há questão em si, a questão é a questão. O mesmo raciocínio pode ser ampliado à problemática das necessidades. Os intercâmbios são necessários para não reproduzir os erros cometidos sob outros céus. Por sua vez, estes esclarecimentos são importantes para dar confiança às populações, revelando suas riquezas ignoradas em razão da invasão dos modelos predadores do pensamento único. Esta perspectiva pós-global está bem presente na forma de abordar, no futuro, incontornável conceito de civilização da diversidade. O realismo econômico de face humana consiste em reintroduzir o homem na vida econômica. O que significa que esta não pode ser reduzida a uma economia do lucro. Assim, se considerada como uma filosofia passível de inspirar uma visão alternativa no plano econômico, a teoria dos sítios levaria a abrir o caminho para uma economia da diversidade. Esta pressupõe ancoragens territoriais e uma diversificação dos modos de relação entre os homens. A solidariedade teria amplo lugar na conduta da economia. O que seria uma completa revolução. No entanto, os fatos assim o exigem, dia após dia. A solidariedade é também a rede e a rede é também a partilha, não somente dos bens, mas também das relações e dos saberes necessários a todos. Deste ponto de vista, a solidariedade torna-se até mesmo um motor econômico de todas as práticas que tendemos a abordar mecanicamente com o paradigma perneta do mercado.

Oikos: O professor sustenta o fim da ideia de desenvolvimento transposto. Defende também que o rótulo local não soluciona a crise do conceito de desenvolvimento e aponta a ideia de um *desenvolvimento situado*. Gostaríamos que o professor comentasse tais ideias com mais propriedade, destacando que elementos caracterizariam essa nova concepção de desenvolvimento.

Zaoual: Não é mais necessário retornar aos limites do *desenvolvimento transposto* que se poderia assimilar mesmo a uma espécie de ocidentalização do mundo, entendido como modelo único. O fortalecimento da pertinência da escala local não é neutro em relação ao fracasso do paradigma do desenvolvimento e da globalização. Como já destacamos, esta escala de abordagem pode ser também ilusória. *Small is not always beautiful* [O pequeno nem sempre é belo]. Podemos cometer muitos erros de ótica, é uma questão de paradigma. É por isso que somos tentados a dizer que as ONGs também podem ser Organizações Não Garantidas! Aliás, o caráter inapreensível do sítio e da proximidade dificulta a abordagem do problema. E, por esta razão, não dominamos muita coisa, inclusive nestas pequenas escalas, em especial quando

mantemos um paradigma já equivocado em relação à visão que o sítio de si mesmo e de seu mundo. Nestas condições, não é acrescentando um adjetivo novo à palavra desenvolvimento, do tipo desenvolvimento social, local, durável etc., que se muda verdadeiramente de paradigma. É simplesmente uma reordenação do mesmo paradigma. Aliás, na realidade fica no máximo ambíguo.

Não existe definição neutra do território e, de maneira mais complexa, do sítio. Como na física, o objeto observado depende do posto de observação. São os atores que definem o seu sítio, subjetivamente e em coordenação. O sítio, pois, muda, em função das representações simbólicas dos atores e da escala de intervenção escolhida, eventualmente, com outros sítios no interior de um macro-sítio assim por diante. São universos entrelaçados. Consequentemente, tudo depende também da escala de um projeto definido por eles mesmos [os siteiros]. Ele pode situar-se em um sítio ou em vários, uns abertos sobre os outros, tendo em certo nível uma convergência de valores e objetivos. De qualquer maneira, nenhum sítio completamente fechado ou aberto. O essencial é identificar os motores simbólicos das populações de uma determinada escala, para melhor acompanhar uma mudança. É uma questão de crenças compartilhadas e de motivações.

Oikos: Se os sítios são abertos e estão em interface com outros sítios, inclusive de diferentes escalas - micro-sítios (*micro-sites*) contidos macro-sítios (*macro-sites*). Até que ponto, podemos falar em autonomia um sítio? O "direito de se definir e de definir o entorno" não teria limites? Nesse sentido, como podemos falar em *desenvolvimento situado*, uma vez que a estrutura econômica física, na maioria das vezes, é comum a uma série de sítios de diferentes escalas e localização? Como lidar com os diferentes conceitos e interesses dos diversos sítios?

Zaoual: A teoria dos sítios sugere que o mundo é um mosaico. Neste sentido, a sobrevivência de um sítio depende de sua capacidade de se nutrir das diversidades locais e longínquas. O que permite remover o véu de toda tentativa de autofechamento. Um organismo que se fecha totalmente sobre si mesmo implode a curto prazo. É um princípio que se pode encontrar tanto na física, como na genética e nas ciências sociais, que tendem hoje a refletir sobre os limites de toda uniformização. Quem procura pureza na economia, tal qual na religião, encontrará destruição, donde os princípios de tolerância da filosofia dos sítios. Cada sítio tem, pois, uma autonomia relativa como, aliás, as pessoas que o povoam. Esta autonomia repousa sobre suas próprias singularidades, que determinam a sua força. Mas, no mesmo movimento, estas mesmas

singularidades resultam de intercâmbios externos aclimatados. As diferenças ocultam semelhanças endogenizadas e redefinidas nas cores do sítio receptor. As culturas, as religiões e as técnicas viajam e são, em seguida, codificadas localmente. De empréstimos, elas se transformam, graças a esta misteriosa alquimia dos sítios, como se tivessem se originado no referido sítio. O sítio re-situa tudo o que lhe chega de seu passado e das influências contemporâneas. Ele age, assim, como sintetizador. Tudo isso permite refrear o sitismo de caminhar no sentido de um sociocentrismo ou de uma autarquia qualquer. É de interesse de cada sítio cooperar com os demais. É uma forma de defender sua autenticidade dentro da abertura. Este imperativo pode se tornar uma realidade crescente, como alternativa à economia violenta que resulta da mercantilização do mundo. Sem dúvida alguma, os desafios do futuro serão a capacidade de administrar a diversidade e de desenvolver o diálogo entre os povos do mundo. Aliás, nem mesmo a globalização escapa do princípio da diversidade, o que foi entendido pelos grandes administradores do capitalismo. Até mesmo o próprio capitalismo, para conseguir seus objetivos, precisa aclimatar seus modelos de gestão ao sítio de implantação. Se assim é neste nível, só pode ser a lei fundamental na busca de alternativas. Assim, nestas condições, o enigma da coordenação no interior dos sítios e entre eles se soluciona. Os processos de governança no tema não podem funcionar de jeito nenhum na base de um modelo único.

Oikos: Em sua opinião, seria hoje a nação moderna um sítio? Mesmo não sendo, não seria a nação a unidade política mais importante na contemporaneidade? Dessa forma, podemos falar numa necessidade especial de se pensar as modernidades nacionais, sobretudo para os países do Sul, sem excluir as possibilidades de outras formas de modernidade em seus micro-sítios?

Zaoual: Apesar do desenvolvimento histórico do capitalismo nos seus países de origem, estes carregam em si grandes diversidades endógenas. Tais diversidades estão bem presentes quando se observam as diferenças nacionais e, no interior, as diferenças regionais e locais. O Ocidente na completamente monolítico. Aliás, mesmo ao nível de um capitalismo que se pretende uniforme, suas realidades concretas (modos de gestão, instituições nacionais e locais, culturas empresariais etc.) exprimem a diversidade. É o que levou alguns economistas a falarem da existência de vários tipos de capitalismo, anglo-saxão, renano etc. A China atual é um outro caso da mesma ordem, que não temos tempo de detalhar aqui. A situação do mundo atual incita a repensar a modernidade e o conjunto de categorias e de instituições que fizeram parte de sua

força no passado. Sua derivação para um projeto de sociedade exclusivamente dominada pelos valores econômicos e técnicos esgotou sua potencialidade. Todos os seus mitos de criação estão em crise. Aliás, o progresso que os representa também está em crise. É claro que o mundo pós-global conservará suas marcas, mas o paradigma da modernidade está em vias de esgotamento. Aliás, uma de suas referências que foi o Estado-Nação sofreu um declínio profundo, pelas próprias forças da globalização. É o que explica, entre outras coisas, o refúgio das populações em outros registros, tais como a religião, a espiritualidade, os territórios, as identidades etc., que a teoria aborda à sua maneira. Os atores, desorientados pela globalização, reencontram << pontos fixos >>, ou seja, os sítios. A necessidade de sítio parece, portanto, tão universal quanto a globalização. É um dos paradoxos da mundialização atual. O desafio é de poder articular e redinamizar os espaços nacionais sabendo gerar sua grande diversidade endógena de sítios. O que pressupõe um novo olhar sobre a modernidade. Dito de outra forma, trata-se de como selecionar com mil e um olhares sua herança, capitalizando com base em uma civilização da diversidade.

Oikos: Seus trabalhos apontam o sítio como um imperativo existencial (*impératif existentiel*) do ser humano, carente de sentido por natureza. Destacam, ainda, o sítio como um lugar de certezas e o mercado como um lugar de incerteza e desordem. O professor poderia nos explicar isto melhor discutindo a questão da diversidade nesse contexto?

Zaoual: Todos os argumentos empíricos e teóricos oriundos do paradigma dos sítios contribuem para a defesa da ideia de que o homem precisa do sítio para se orientar. O fenômeno dos sítios da Internet é bastante sugestivo a este respeito. É a bússola da vida cotidiana do homem. Em sua ausência, ele fica des-situado. Portanto é a anomia, a perda do sentido. É pois uma necessidade existencial. Aqui, o sagrado encontra o profano. O irracional irrompe no mundo do racional. A capitalização do debate sobre a incerteza na economia conduz à ideia de que esta contém em seu seio forças de desordem e caos. Seus próprios princípios levados ao extremo conduzem a este fato. Ela não pode, por si só, contribuir para a harmonia entre os homens e entre eles e a natureza. Ao contrário, sua tendência é para a desarmonia. É por este motivo que o caminho sítios conduz a um mundo cuja compreensão pressupõe obrigatoriamente uma crítica radical dos princípios da economia reduzida a um universo mercantil. Esta abertura em direção aos sítios é fundamental, já que até mesmo as instituições capazes de regular e de acompanhar uma economia entregue a si mesma devem descobrir sentido nas crenças dos

atores. Nada de instituições sem crenças comuns que possam realizar todo o seu conteúdo e a sua eficácia em campo.

Oikos: Como podemos compreender a teoria dos sítios (*théorie des sites*) nos universos complexos (*univers complexes*) e nos universos híbridos (*univers hybrides*) que constituem a grande parte do mundo contemporâneo? Nesses espaços, a Internet não poderia funcionar como um novo território capaz de ensejar novos sítios de pertencimento? Como ficaria a questão da proximidade (*proximité*)?

Zaoual: Esta pergunta retoma o que eu já disse. Os universos híbridos constituem a lei vigente na vida das pessoas. E preciso apenas olhar em volta para constatá-lo. A cada instante, procura-se um *equilíbrio situado* considerando mil e uma contingências. As ciências racionais parecem pobres devido ao seu reducionismo frente a esta diversidade onipresente. O indivíduo se debate entre vários registros, os do mercado, da família, da comunidade ampla, da vizinhança, do meio profissional etc. Ele faz permanentes combinações. Nestas condições, ele é mesmo multi-sítio e procura a harmonia que responde ao máximo às provas de realidades destes mundos. É por este motivo que comparei o *homo situs*, no modo musical, a um refinado compositor. Suas essências sociais fazem dele um ser relacional. Na ausência desta existência concreta, ele fica atomizado e desarmado. Fazendo a ligação com o desenvolvimento da pergunta anterior, mesmo quando o homem não tem mais sítio, ele procura outros. Assim, a Internet lhe busca sítios virtuais, nos quais ele reencontra uma parte de si mesmo, em alguns casos, artificialmente. Estas observações redefinem o debate sobre a proximidade. Ele [o debate] é verdadeiro em função de sua complexidade, ela [a proximidade] é irreduzível à distância. Assim, a Internet pode contribuir para a integração da pessoa nas comunidades virtuais e assegurar uma espécie de proximidade.

Oikos: Em seus artigos, o professor faz alguns comentários sobre o aspecto religioso do sítio, de ligação do homem ao cosmos, sua transversalidade e transcendência. Poderia esboçar alguns comentários sobre esses pontos, em geral esquecidos pelos economistas?

Zaoual: É inegável que quando se tem um interesse na cultura dos atores, é também necessário levar em consideração as dimensões religiosas suscetíveis de impregnar as culturas e os comportamentos dos atores. A perspectiva dos sítios conduz a estas dimensões, com toda

certeza em função da importância que confere às crenças. O vocábulo religioso na atitude dos sítios é bastante amplo. A religiosidade não pode ser reduzida a religião. No limite, tudo pode ser religioso neste paradigma. O motivo é simples, já que não existe real sem mito, na concepção dos sítios. A própria economia repousa sobre os mitos do controle, de dominação, exploração e acumulação. Foram estas crenças que desempenharam o papel de motores no desenvolvimento do capitalismo.

Oikos: Um dos objetivos desta revista é o resgate de pensadores e obras de diferentes correntes de pensamento que tragam importantes contribuições à contemporaneidade. O professor poderia sugerir alguns nomes nesse sentido?

Zaoual: Serge Latouche (França), Majid Rahnéma (França/Irã), Marc Luyckx (Bélgica).

EXPEDIENTE

www.revistaoikos.org
editor@revistaoikos.org

Editores

André da Paz
Raphael Padula

Equipe Editorial

Caetano Pena
Gustavo S. Noronha
Leonardo Pamplona
Márcio Gimene de Oliveira
Ricardo Pedras

Colaborador

Rodrigo Medelros

Revisora e tradutora

Micheline Christophe

Diagramação

Guerrilha Comunicação Tática

Impressão

Imagem & Texto. Tiragem 1.000 exemplares

Oikos: Revista de economia heterodoxa. Nº 4 Rio de Janeiro: Oikos, 2002-. p. 188 Anual-2005 - ISSN1808-0235